

# Olhares de universitários sobre os atores envolvidos na violência por parceiro(a) íntimo(a)

*University student's views on the agents surrounding violence by intimate partner*

*Perspectivas de estudantes universitários sobre los actores involucrados en la violencia de pareja íntima*

Roberta Raseira Caldeira<sup>1</sup> ; Daniele Ferreira Acosta<sup>1</sup> ; Priscila Leticia Vejar da Silva<sup>1</sup> ; Emili dos Santos Leão<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Brasil

## RESUMO

**Objetivo:** analisar a percepção de universitários sobre os atores envolvidos na violência por parceiro(a) íntimo(a). **Método:** trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa realizada nas casas do estudante da Universidade Federal do Rio Grande, no município de Rio Grande/RS. Participaram do estudo, aleatoriamente, quatro estudantes de cada moradia, totalizando 28 participantes. Todos responderam à entrevista individual semiestruturada, realizada em 2019. **Resultados:** a percepção dos universitários sobre o tema revela o homem como autor da violência e a mulher como vítima, todavia, reconhecem a violência bidirecional. Mencionam a necessidade de cuidar deste homem, que não é monstro nem bom moço. As vítimas são vistas como mulheres indefesas, sem coragem para denunciar. Discorrem ainda sobre a necessidade de uma rede de apoio eficaz e de divulgar mais informações sobre o tema. **Considerações finais:** a universidade, como instituição formadora, é terreno fértil para transformação do pensamento social e corresponsabilização pelo enfrentamento dessa violência.

**Descritores:** Universidades; Educação; Conhecimento; Violência por Parceiro Íntimo.

## ABSTRACT

**Objective:** to analyze the perception of university students about the actors involved in intimate partner violence. **Method:** this is a research with a qualitative approach carried out in the student's homes at the Federal University of Rio Grande, in the city of Rio Grande/RS. Four students from each household participated in the study, totaling 28 participants. All answered the semi-structured individual interview, carried out in 2019. **Results:** the perception of university students on the subject reveals the man as the perpetrator of violence and the woman as a victim. However, bidirectional violence was also recognized. They talk about the need to take care of this man. Victims are seen as helpless women, lacking the courage to come forward. They also discuss the need for an effective support network and for disseminating more information on the subject. **Final considerations:** the university, as a training institution, is fertile ground for the transformation of social thinking and co-responsibility for confronting this violence.

**Descriptors:** Universities; Education; Knowledge; Intimate Partner Violence.

## RESUMEN

**Objetivo:** analizar la percepción de estudiantes universitarios sobre los actores involucrados en la violencia de pareja íntima. **Método:** se trata de una investigación con enfoque cualitativo realizada en las residencias estudiantiles de la Universidad Federal de Rio Grande, en la ciudad de Rio Grande/RS. Participaron en el estudio cuatro estudiantes de cada hogar, totalizando 28 participantes. Todos respondieron entrevistas individuales semiestructuradas, realizadas en 2019. **Resultados:** la percepción de los universitarios sobre el tema revela al hombre como autor de la violencia y a la mujer como víctima. Sin embargo, también se reconoció la violencia bidireccional. Mencionan la necesidad de cuidar a este hombre, que no es ni un monstruo ni una buena persona. Perciben a las víctimas como mujeres indefensas, sin coraje para denunciarlo. También discuten la necesidad de una red de apoyo efectiva y de difundir más información sobre el tema. **Consideraciones finales:** la universidad, como institución formadora, es terreno fértil para cambiar el pensamiento social y promover la corresponsabilidad en la lucha contra esta violencia.

**Descriptores:** Universidades; Educación; Conocimiento; Violencia de pareja íntima.

## INTRODUÇÃO

As mudanças no cenário atual, devido à pandemia pelo novo coronavírus têm, mais do que nunca, reforçado a importância em debater a violência doméstica. Trata-se de um tipo de violência interpessoal que também ocorre nas relações íntimas de afeto, na qual o agressor convive ou tenha convivido com a mulher em situação de violência<sup>1</sup>. Essa forma de violência praticada pelo parceiro ou ex-parceiro é tipificada na Lei Maria da Penha como uma forma de violência baseada no gênero<sup>1</sup>.

Com o distanciamento e isolamento social, impostos pela pandemia como medida de contenção ao vírus, houve aumento desses casos de violência, ou seja, daqueles cometidos pelo parceiro no âmbito doméstico<sup>2-4</sup>. Em países da Europa, observou-se o aumento na ocorrência de violência por parceiro íntimo (VPI) após a imposição do distanciamento social obrigatório<sup>2</sup>.

O presente trabalho foi realizado com apoio de financiamento ao macroprojeto "Representações sociais de universitários moradores da casa do estudante: violência nas relações afetivo-sexuais". Bolsa pelo Programa de desenvolvimento do estudante - PDE / Universidade Federal do Rio Grande (FURG - Brasil), maio de 2018 a maio de 2019.  
Autor correspondente: Daniele Ferreira Acosta. Email: [nieleacosta@gmail.com](mailto:nieleacosta@gmail.com)  
Editora Científica: Cristiane Helena Gallasch; Editora Associada: Thelma Spidola

No Brasil, instituições que compõem a rede de proteção também divulgaram o aumento do número de casos, destacando a invisibilidade do fenômeno devido ao confinamento no lar e à restrição dos atendimentos às mulheres nos serviços especializados<sup>5</sup> nesse período.

Em parte, acredita-se que o aumento dos tensionamentos entre os atores envolvidos na violência ocorreu devido à permanência no lar por tempo quase integral. Por outro lado, diversos fatores acabaram reforçando o clima de tensão, podendo contribuir para os casos de violência por parceiro íntimo, tais como o desemprego; a diminuição da renda familiar e o consumo de álcool<sup>2,6</sup>. As questões socioculturais também se sobrepõem ao legitimarem as relações hierárquicas entre homens e mulheres, fundamentadas na condição do sexo e do gênero.

Isso não significa que homens não são vítimas de violência doméstica. Todavia, os dados epidemiológicos, as mídias televisivas, as informações policiais e sanitárias divulgam que, enquanto elas são acometidas no âmbito doméstico, eles são vítimas de violência urbana<sup>7</sup>. Ao analisar o reconhecimento de parceiros(as) íntimos(as) sobre sofrer violência não fatal e praticá-la, estudo revelou que as mulheres mencionam mais episódios de recorrências de quaisquer violências, ao passo que os homens pouco se reconhecem como perpetradores<sup>8</sup>.

O desvio na percepção sobre a prática e a vivência dos atos violentos podem acentuar as agressões pelo fato do homem não entender tal comportamento como uma agressão, ou ainda a mulher permanecer na relação violenta, seja acreditando no seu papel em manter a harmonia da família, seja por naturalizar as agressões. Diante disso, observa-se que mesmo sendo uma adversidade cada vez mais frequente, existem equívocos, crenças, desconhecimento da legislação protetiva à mulher, bem como julgamento às pessoas envolvidas nos casos de violência doméstica.

Em pesquisa realizada com profissionais da saúde, foi observado o julgamento do homem autor da violência contra a mulher, objetivado como bicho, monstro e ignorante<sup>9</sup>. Já as mulheres, quando não são culpabilizadas, são vistas como pessoas sofredoras, submissas e com baixa autoestima<sup>10</sup>. Entre a população civil não é diferente, pois mesmo que as impressões sobre o tema tenham melhorado, ainda persiste uma idealização de que a mulher apanha porque gosta ou porque fez algo inconsistente.

No cenário universitário, estudo identificou a percepção de jovens estudantes acerca dos processos de proteção e desgaste relacionados às violências, revelando o reconhecimento das violências institucional, sexual, gênero, psicológica, econômica e social, que ocorrem, especialmente, contra mulheres, negros, população LBGTI+, pobres e crianças<sup>11</sup>. Ao se pensar em estratégias de redução das diferentes formas de violência, além de políticas públicas de segurança e conscientização dos homens; os acadêmicos enunciaram a necessidade de estratégias de sensibilização com formação mais humanizada nos cursos de graduação<sup>11</sup>.

Dessa forma, é essencial fomentar o debate sobre a violência doméstica entre os diversos setores da sociedade, nas escolas, nas empresas e na mídia, e produzir informações nas propagandas publicitárias que marcam o *layout* de ônibus, de muros e de shoppings. Nesse sentido, destaca-se a universidade como terreno fértil para a sensibilização de cidadãos e futuros profissionais, independente da área de formação.

É fundamental dar voz aos universitários, considerando que estão em processo de formação, e incentivar o olhar crítico sobre os problemas socioambientais. Nesse sentido, o diálogo nas casas estudantis torna-se uma possibilidade interessante ao encontro de uma visão mais macro sobre o objeto de estudo, sem se limitar aos discursos de apenas um núcleo do conhecimento. O problema complexo que é a VPI exige debate nas coletividades para que, com base nas diferentes percepções, se promova o enfrentamento desse agravo.

Devido a esse panorama, bem como a ocorrência de violência nos relacionamentos íntimos de universitários, questiona-se: qual a percepção de universitários sobre os atores envolvidos na violência por parceiro(a) íntimo(a)?

Nesse contexto, objetivou-se analisar a percepção de universitários sobre os atores envolvidos na violência por parceiro(a) íntimo(a).

## MÉTODO

Estudo descritivo, com abordagem qualitativa realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Enfermagem, Gênero e Sociedade, com universitários moradores das casas do estudante de uma universidade federal do sul do Brasil.

Inicialmente, foi requisitada à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis uma lista com o cadastro dos estudantes, moradores das sete casas localizadas no município de estudo, contendo informações como nome, curso, casa e número do quarto.

Assim, pessoalmente, foram convidados a participar do estudo quatro pessoas de cada casa, sendo dois homens e duas mulheres de modo aleatório. Foram incluídos apenas os maiores de 18 anos. Não houve recusa para a participação da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada na casa do estudante, em quarto privativo, durante o ano de 2019. As entrevistas individuais foram guiadas por um instrumento semiestruturado contendo questões abertas sobre impressões em relação à VPI e duraram em média 25 minutos, gravadas mediante autorização e posteriormente transcritas. Não houve a devolução para correção pelos participantes.

Utilizou-se a análise de conteúdo temática-categorial<sup>12</sup>, o que permitiu a exploração dos dados, o tratamento dos resultados e a interpretação. Na primeira, realizou-se a organização do material, na qual se fez a leitura minuciosa do *corpus*, buscando particularidades de cada informante para a elaboração das ideias e possíveis categorias. Após essa busca, fez-se a codificação de temas (Unidades de Registro) que foram reagrupados em núcleos semelhantes ou unidades de significação, dando origem a três categorias, intituladas: Pessoa agressora baseado no gênero; Opinião sobre o autor da violência nos relacionamentos; e Opinião sobre a pessoa agredida nos relacionamentos.

Este estudo faz parte de um macroprojeto intitulado “Representações sociais de universitários moradores da casa do estudante: violência nas relações afetivo-sexuais” aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição envolvida. Respeitou-se os princípios éticos que regem as pesquisas com seres humanos. Os participantes foram identificados pela letra E seguida de números consecutivos.

## RESULTADOS

Participaram do estudo 28 estudantes com idade entre 18 e 38 anos. Desses, 14 eram homens e 14 mulheres, sendo dezessete autodeclarados brancos, seguidos de pardos e negros. orientação sexual predominante foi de heterossexual, seguida de bissexual. Quanto ao relacionamento, 15 tinham algum parceiro(a) no período da coleta de dados. O principal curso de graduação foi de Letras, com cinco participantes, seguido de Sistemas de Informação; Engenharia Civil; Engenharia Mecânica; Direito; e Ciências Contábeis, com três participantes cada. Os demais se distribuíram nos cursos de Física, Química, Administração, Biblioteconomia, Enfermagem, Engenharia Agroindustrial, Engenharia da Computação e Química.

A partir da análise proposta, emergiram as categorias: Pessoa agressora baseado no gênero, Opinião sobre o autor da violência nos relacionamentos e Opinião sobre a pessoa agredida nos relacionamentos.

### Pessoa agressora baseado no gênero

Esta categoria discorre acerca da visão dos universitários sobre o gênero da pessoa agressora no contexto de violência pelo(a) parceiro(a). Abarca 148 Unidades de Registro (UR), representando 21,3% das UR do total do *corpus* analisado. Sua composição inclui oito Unidades de Significação (US), a saber: homem agredindo mulher (41 UR), sociedade patriarcal (38 UR), poder ao sexo masculino (13 UR), agressão aos vulneráveis (12 UR), força física masculina (11 UR), mulher como vítima (20 UR), homem se defende (8 UR), homem revida (5 UR).

*Para ser bem sincero eu, particularmente, poucas vezes escutei falar que: ai coitado daquele cara, a mulher dele agride ele todos os dias. Eu nunca ouvi falar: você viu que a namorada jogou o namorado não sei de que andar? Geralmente, é um cara agredindo uma mulher, agredindo um travesti, geralmente é o masculino, por um poder que ele ganhou, um patriarcado. A nossa sociedade patriarcal dá esse poder aos homens e permite que eles façam isso. O homem fala que está tudo bem, não está acontecendo nada, caiu da escada, esse braço roxo ela trombou na pia, e a sociedade meio que acoberta. (E3)*

*Tem homens que apanham de mulher, já vi casos. O homem eu não diria que ele deveria revidar uma agressão de uma mulher, mas ele tem condições físicas de evitar, então eu acho que a mulher é com certeza mais vítima do que o homem, de uma agressão, a não ser em casos que existe a arma, aí qualquer um dos dois vai ser vítima. (E2)*

### Opinião sobre o autor da violência nos relacionamentos

Retrata a opinião sobre a pessoa que pratica a violência na relação, neste caso o gênero masculino. Esta categoria inclui 305 UR, representando 44,1% do *corpus*, e abrange sete US, sendo elas: julgamento e rotulação do agressor (77 UR), cuidado do agressor (47 UR), punição do agressor (60 UR), acompanhamento psicológico do homem (40 UR), traumas da infância (31 UR), mudança na sociedade (28 UR), exposição do agressor (22 UR).

*Eu acho que é uma pessoa que deveria ser apagada da sociedade, não dessa forma, mas na verdade eu acho que ela deveria ser punida, ela tem que ser exposta, ela tem que ser exposta justamente para isso não seguir acontecendo. Isso porque, geralmente, quem faz, quem executa essa violência passa na sociedade como um bom moço, essa pessoa, horrível, na verdade, na sociedade ela é o bom moço, então essa pessoa tem que ser exposta. (E3)*

*Eu não acho que, tipo o meu pai, que pensa por exemplo, que tem que morrer... eu não acho isso. Eu não acho que seja esse o nível [...]. Mas, assim eu não acho que tem que crucificar e chamar de monstro porque é um humano, não são monstros de baixo do tapete que fazem isso, é um homem geralmente, ou uma mulher. Eu falo*

*homem porque é um dos casos que mais ocorre, e então não adianta crucificar e falar “meu Deus, aquele monstro, aquele ser horrível”, porque isso só vai trazer uma mistificação. Deve humanizar ele, mostrar que qualquer pessoa pode fazer isso. (E20)*

*Da pessoa que pratica, ela precisa ser presa, mas eu também tenho minhas divergências com o sistema carcerário. Então, eu imagino que essas situações podem ser mudadas a longo prazo, mudando a educação infantil, mas agora, por exemplo, um homem que violentou uma mulher, ele dever ser preso, mas eu acredito que a gente possa reverter esse quadro a longo prazo, muitos anos, oferecendo uma educação sobre igualdade, desde as séries iniciais, com base no respeito. (E19)*

Além disso, foi elencada pelos participantes a necessidade de acompanhamento psicológico desses homens, para que sejam reinseridos na sociedade. A presença da violência na infância desse agressor é relatada como sendo uma possível causa das agressões praticada contra a mulher.

*Eu acho que a maioria das vezes as pessoas agressoras também precisam de ajuda, ajuda psicológica. Às vezes elas estão tão inseridas nessa realidade de violência e por mais que não queira que isso se repita, e talvez já tenha visto na família dela, isso acaba se tornando um ciclo vicioso. E quando ela vê, está cometendo a mesma coisa que os pais dela cometiam (E9).*

### Opinião sobre a pessoa agredida nos relacionamentos

Esta categoria revela a solidariedade em relação à pessoa que sofre agressão, neste caso, a mulher. Também incluindo a maioria das unidades de registro destacadas, a categoria representa 34,6% do *corpus* analisado, apresentando 240 UR, e sete US que versam sobre sentimento de medo da mulher (48 UR), submissão (28 UR), vítimas indefesas (32 UR), vítimas corajosas (29 UR), denúncias policiais (37 UR), atenção da rede de apoio (52 UR), responsabilização da sociedade (14 UR).

*Uma pessoa indefesa [mulher], que se submete a coisas que poderiam ser mudadas... a meu ver, uma pessoa que se submete a isso, com certeza é indefesa e não tem essa potencialidade de dar um basta, mas por outro lado também existe essa questão psicológica, do que ela vem a pensar dessa relação, porque ela está na relação, qual o propósito dela? Porque obviamente ela tem. (E7)*

*Coragem, a pessoa tem que ter muita coragem, ao mesmo tempo medo, porque imagina uma pessoa passando por violências e não ter coragem de contar aquilo, e ao mesmo tempo querer sair da relação e não poder. Acho que a mulher precisa coragem, perseverança, tem casos e casos, a gente precisa se colocar no lugar do outro e analisar bem o caso. (E16)*

*Se ela conseguiu denunciar, ela é uma pessoa guerreira e tem a cabeça no lugar, não tem nenhuma discriminação a fazer, se ela fez a coisa certa. Se entregou a pessoa, tudo bem, se ela não entregou, poderia ter mais pulso forte, coragem para denunciar. (E15)*

*Eu penso que a mulher precisa de uma rede de apoio, e essa rede é mais do que só uma psicológica, que ajuda muito. Mas acho que deveria ser mais do que isso, talvez se o assunto fosse mais debatido, se tivesse mais informação. Não sei se informação, mas que não tivesse o tabu de vamos falar sobre isso, seria melhor, teria uma rede de apoio melhor. (E20)*

### DISCUSSÃO

Este estudo revela diferentes percepções dos universitários sobre os atores envolvidos na violência por parceiro(a) íntimo(a). Esta análise parte do princípio que, ao revelar o pensamento de universitários sobre o objeto em tela, é possível, por meio dos seus discursos, contribuir na transformação da realidade social e dos conteúdos mentais errôneos que apenas culpabilizam a mulher e criminalizam o homem.

Quando se fala no gênero da pessoa que pratica atos violentos no relacionamento, é de consenso que os homens são os principais autores, fato destacado pelos universitários. A força física e as questões culturais, que legitimam a supremacia masculina, foram elencadas como determinantes na configuração de papéis: agredida *versus* agressor. Muitos homens perpetram a violência por considerarem a forma “correta” de atuar, corrigindo os problemas conjugais por meio das agressões<sup>8</sup> ou ainda acreditando na sua condição de dominador, de chefe de família, ou seja, responsável por manter a ordem na casa.

É de reconhecimento que as formas de violência praticada contra a mulher vão desde violência sexual à morte. Nas delegacias, muitas vezes, os casos formalizados são os considerados mais graves, que deixam hematomas aparentes ou que apresentam a necessidade de hospitalização e encaminhamento ao Instituto Médico Legal<sup>13</sup>. A epidemia de feminicídio reforça a vulnerabilidade do sexo feminino e o senso comum de que o oposto não ocorre, tal como relatado na pesquisa em tela.

Por outro lado, os participantes também mencionaram que a mulher pode ser agressora. Estudo que caracterizou as manifestações de violência no namoro de adolescentes e adultos jovens divulgou a bidirecionalidade, sendo que os meninos relataram praticar mais atos violentos, todavia manifestaram maior vitimização<sup>14</sup>. Outra pesquisa divulgou que as mulheres relataram maior perpetração no relacionamento do que os homens relataram ter sofrido violência física<sup>8</sup>. Essa bidirecionalidade

da violência, reconhecida pelos estudos, revela a importância de compreender a dinâmica da violência em diferentes fases da vida e de debater o tema no cenário educativo, como parte da formação civil e das condutas éticas. Acredita-se que os estudantes são agentes de transformação quando incentivados a refletir sobre os problemas que assolam a sociedade.

Com relação à opinião de que é o homem a pessoa que mais perpetua a violência, os discursos são contraditórios, mas ambos discorrem sobre a mistificação deste sujeito. De um lado, há menção de que o agressor é visto pela sociedade como bom moço e que, por isso, deve ser exposto. Independente da adjetivação, apregoam que o autor da violência precisa ser amparado considerando que são homens, reféns da sociedade.

Por outro lado, repudiam a visão estereotipada do agressor, como monstro, pois isso impede o conhecimento real do perfil deste autor. Embora nem sempre o autor de violência se reconheça como potencial agressor<sup>11</sup>, é preciso reconhecer que o pai de família, o filho querido, o namorado romântico também podem ser autores de violência. Isso indica a necessidade de ampliar a atenção à violência praticada por parceiros para além do atendimento à vítima e a penalização do agressor<sup>15</sup>. A desmistificação do autor de violência é uma evidência significativa que precisa ser debatida permitindo a identificação e o acolhimento deste homem.

Em consonância entre os discentes, foi mencionado que o autor da violência deveria ser exposto e punido, embora alguns mencionem que o sistema penitenciário não é um ambiente adequado para se cumprir a pena, considerando o papel correccional violento<sup>16</sup>. Em vista disso, discursam sobre a necessidade de trabalhar a prevenção primária, debatendo a VPI no âmbito escolar, discutindo sobre a equidade de gênero ainda nas séries iniciais.

Nesse sentido, cada vez mais tem sido debatida a importância das intervenções voltadas para homens autores de violência, pois além de promoverem o cuidado masculino, proporcionam aprendizado e reflexão sobre condutas equivocadas, modificando comportamentos agressivos<sup>16-18</sup>.

Os discursos dos universitários vão ao encontro deste olhar que lança mão da humanização desses homens, que reconhece a necessidade de amparo, com destaque para o apoio psicológico. Acreditam, ainda, na transformação deste cenário violento, nas relações conjugais, tendo como base a educação sobre igualdade de gênero ainda nas séries iniciais, voltada à prevenção do fenômeno. A literatura internacional divulga que a prevenção da violência praticada pelo parceiro íntimo é uma estratégia-chave para reduzir as taxas de violência baseada no gênero, com resultados mais eficazes quando ministrada em escolas ou universidades<sup>19</sup>.

No que se refere à percepção sobre a pessoa vitimada, há uma sinalização para a fragilidade da mulher, vista como indefesa, com medo dos episódios de violência, sem coragem para denunciar. Desta forma, conhecer os motivos que as mantêm no relacionamento abusivo, fortalecer a rede de apoio, promover suporte online para aconselhamento, questionar sobre a segurança da mulher no âmbito domiciliar<sup>4</sup> são dispositivos que podem auxiliar profissionais e cidadãos a ajudarem as mulheres. Como uma mulher em situação de violência pode romper com o agressor quando é sustentada por ele, quando não tem apoio de familiares, quando não tem renda própria para cuidar dos filhos? Muitas dessas motivações são elencadas pelas vítimas como impossibilidade de deixar o parceiro<sup>20</sup>.

Neste estudo, os universitários compreendem tais aspectos, embora julguem necessário que a mulher denuncie as agressões vivenciadas. Cabe destacar que, qualquer pessoa pode fazer a denúncia policial de forma sigilosa, sendo dever da sociedade contribuir com a rede de proteção à vítima. Isso foi observado diante da pandemia pelo novo coronavírus a qual levou os órgãos públicos a criarem canais de comunicação *online* com o intuito de facilitar a denúncia, não só por parte da vítima, mas de vizinhos, familiares e até desconhecidos<sup>3</sup>.

O cenário atual vem reforçando que a violência entre parceiros(as) íntimos(as) é um problema grave da sociedade<sup>2-5,21</sup>. Nesse sentido, é mais do que evidente a necessidade de debater o tema nas empresas, nas escolas, na mídia e fortalecer a rede de apoio. Enxergar a VPI como tabu é um fracasso da sociedade. Diante disso, discutir o tema no cenário universitário possibilita a formação de cidadãos críticos e reflexivos ao encontro do enfrentamento dessa forma de violência, da transformação e da busca por uma sociedade mais igualitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aborda a visão de universitários de diversos cursos, sem um aprofundamento em relação à área de formação configurando-se, assim, como uma limitação do estudo. Todavia, ao dar voz aos universitários, de forma geral, foi possível identificar de que forma enxergam os atores envolvidos na VPI, possibilitando fomentar a reflexão sobre um tema que não é específico de algum núcleo do conhecimento, mas, sim, tema de pauta da sociedade.

Quando se trata do gênero da pessoa agredida e da pessoa vitimada, eles relatam que a mulher geralmente é a vítima, e o homem autor das agressões. Todavia, reconhecem que a violência pode ser bidirecional com maior gravidade quando praticada por eles. Nesse sentido, mencionam que o homem deve ser exposto e punido, bem como reconhecem que o autor da violência precisa ser amparado. Quanto às mulheres em situação de violência, há um sentimento de



empatia e de solidariedade. Eles as caracterizam como indefesas, sem coragem, com medo da situação, fato que as leva a manter o ciclo de violência.

Portanto, diante dessas evidências, este estudo revela que o espaço universitário é terreno fértil para fomentar o debate sobre a VPI, dissimulando crenças e julgamentos, promovendo o conhecimento da rede de apoio e a equidade de gênero. É preciso romper as barreiras das grades curriculares diante de um assunto que não se esgota com a pesquisa em tela.

Assim, sugere-se a realização de estudos com foco nas abordagens profissionais, por núcleo do conhecimento, a fim de fortalecer os compromissos éticos ao encontro do enfrentamento dessa forma de violência. Cabe à enfermagem o cuidado e o acolhimento aos atores envolvidos na VPI, além do papel educativo que pode ser realizado debatendo o assunto nos diferentes espaços com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

1. Brasil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Presidência da república. Casa civil. 2006 [cited 2022 Feb 15]. Available from: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.html).
2. Marques ES, Moraes CL, Hasselmann MH, Deslandes SF, Reichenheim ME. Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. *Cad. Saúde Pública*. 2020 [cited 2022 Jun 25]; 36(4):e00074420. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>.
3. Vieira PR, Garcia LP, Maciel ELN. The increase in domestic violence during the social isolation: what does it reveals? *Rev. bras. Epidemiol.* 2020 [cited 2022 Jun 25]; 23:E200033. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>.
4. Bradbury-Jones C, Isham L. The pandemic paradox: The consequences of COVID-19 on domestic violence. *J. Clin. nurs.* 2020 [cited 2022 Jun 27]; 29:2047-49. DOI: <https://doi.org/10.1111/jocn.15296>.
5. Campos B, Thalekian B, Paiva V. Violence against women: programmatic vulnerability in times of SARS-COV-2 / COVID-19 in São Paulo. *Psicol. Soc.* 2020 [cited 2022 Jun 28]; 32:e020015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240336>.
6. Santana MS, Santos RS, Barreto ACM, Mouta RJO, Borges SCS. Women's vulnerability to physical violence during the Covid-19 pandemic. *Rev enferm UERJ*. 2022 [cited 2022 Oct 10]; 30:e65076. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2022.65076>.
7. Gutmann VLR, Silva CD, Acosta DF, Mota MS, Costa CFS, Vallejos CCC. Social representations of Primary Health Care users about violence: a gender study. *Rev. gaúcha enferm.* 2020 [cited 2022 Feb 10]; 41:20190286. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190286>.
8. Barros CRS, Schraiber LB. Intimate partner violence reported by female and male users of healthcare units. *Rev. Saude Publica*. 2017 [cited 2022 Jun 25]; 51:7. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051006385>.
9. Cruz STM, Espíndula DHP, Trindade ZA. Gender Violence and Perpetrators: Representations of Health Professionals. *Psico USF*. 2017 [cited 2022 Jun 25]; 22(3):555-67. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220314>.
10. Broch D, Silva CD, Acosta DF, Mattos MB, Amarijo CL, Gomes VLO. Social representations of domestic violence against women among health professionals: a comparative study. *Rev. enferm. Cent.-Oeste Min.* 2017 [cited 2020 Jun 27]; 7:e1630. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v7i0.1630>.
11. Fialla MR, Larocca LM, Chaves MMN, Lourenço RG. As violências na percepção de jovens universitários. *Acta Paul Enferm.* 2022 [cited 2022 Jun 28]; 35:eAPE039012734. DOI: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO012734>.
12. Oliveira DC. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Rev. enferm.* 2008 [cited 2023 Jun 30]; 16(4):569-76. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-512081>.
13. Machado DF, Almeida MAS, Dias A, Bernardes JM, Castanheira ERL. Violence against women: what happens when the Women's Protection Police Station is closed? *Ciênc. Saúde Colet.* 2020 [cited 2022 Jun 25]; 25(2):483-94. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.14092018>.
14. Costa AM, Costa MCO, Nascimento OC. Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. *Rev. Saúde Colet.* UEFS. 2018 [cited 2022 Jun 25]; 8:39-45. DOI: <https://doi.org/10.13102/rsdauufs.v8i1.2973>.
15. Gedrat DC, Silveira EF, Neto HA. Perfil dos parceiros íntimos de violência doméstica: uma expressão da questão social brasileira. *Serv. Soc. Soc.* 2020 [cited 2022 Jun 28]; 138:342-58. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.216>.
16. Nothaft RJ, Beiras A. What do we know about interventions with perpetrators of domestic and family violence? *Rev. Est. Fem.* 2019 [cited 2020 Jun 27]; 27(3):e56070. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356070>.
17. Vasconcelos CSS, Cavalcante LIC. Characterization, recidivism and perception of men perpetrators of violence against women about reflective groups. *Psicol. Soc.* 2019 [cited 2022 Jun 27]; 32:e199960. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31179960>.
18. Beiras A, Nascimento M, Incrocci C. Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil. *Saude soc.* 2019 [cited 2023 Feb 26]; 28(1):262-74. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170995>.
19. Crooks CV, Jaffe P, Dunlop C, Kerry A, Exner-Cortens D. Preventing gender-based violence among adolescents and young adults: lessons from 25 years of program development and evaluation. *Sage journals.* 2019 [cited 2022 Feb 17]; 25(1):29-55. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077801218815778>.



20. Amarijo CL, Figueira AB, Ramos AM, Minasi ASAM. Study Trends on Power Relations in Domestic Violence against Women. Rev. Cuid. 2020 [cited 2022 Jun 27]; 11(2):e1052. DOI: <https://doi.org/10.15649/cuidarte.1052>.
21. Arboit J, Padoin SMM, Paula CC. Critical path of women in situation of violence: an integrative literature review. Rev. bras. enferm. 2019 [cited 2022 Jun 20]; 72(Suppl 3):321-32. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0265>.

#### Contribuições dos autores

Concepção, D.F.A. e R.R.C.; Metodologia, D.F.A. e R.R.C.; Validação, D.F.A.; Análise Formal, D.F.A. e E.S.L.; Investigação, D.F.A.; Redação – preparação do manuscrito, R.R.C., D.F.A., E.S.L. e P.L.V.S.; Redação – revisão e edição, D.F.A. e E.S.L, Visualização, R.R.C., D.F.A., E.S.L. e P.L.V.S.; Supervisão, D.F.A.; Administração do projeto, D.F.A. Todos os autores realizaram a leitura e concordaram com a versão publicada do manuscrito.